

SALÁRIO JUSTO: ISTO É POSSÍVEL?

Eder dos Anjos Ribeiro¹

Nota-se que a discussão sobre salário é constante, pensar um salário melhor que seja de fato justo parece ser algo utópico e, cada vez mais, reformistas espalham a proposta de que devemos lutar por um “salário melhor”, um “salário que seja digno”, mas o que vemos é cada vez mais sua desvalorização e a precarização dos trabalhadores. Mas será mesmo possível um salário que seja de fato justo? Que possa atender todas as nossas necessidades de toda à sociedade?

De maneira sintetizada vamos fazer um breve levantamento bibliográfico sobre o assunto tentando se aproximar o máximo de uma resposta, e para isso utilizaremos como base a categoria trabalho, pois percebemos no trabalho a categoria fundante do ser social, pois ao efetivar o ato de trabalho o homem transforma a natureza e assim o mesmo transforma a sociedade e a si mesmo. Portanto, toda sociedade está fundada em uma forma típica de trabalho, e o modo de produção capitalista está baseado no trabalho assalariado.

Ao transformar a natureza, como dito acima o homem transforma a si mesmo e a sociedade, por exemplo, ao construir uma canoa o mesmo transforma a sociedade, pois um objeto novo surge e também se transforma como indivíduo ao adquirir novos conhecimentos, “o novo objeto promove alterações na situação histórica concreta em que vive toda a sociedade; abre novas possibilidades e gera novas necessidades que conduzirão ao desenvolvimento futuro.” (TONET, LESSA 2011 p. 25)

Esta mesma canoa construída poderia ter implicado na construção de diversas embarcações modernas construídas nos dias de hoje, pois o homem ao construir uma nova canoa estará mesmo que de forma mínima sempre inovando. Podemos perceber aí porque o homem ao transformar a

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Humanas e Sociais na UFMS em Campo Grande – MS, sob a orientação do Prof.º Dr.º Rafael Rossi. E-mail: ederdosanjos689@gmail.com

natureza se transforma como ser social, o fato de o homem poder trabalhar de maneira consciente é o que o diferencia dos animais. Sem o ato de trabalho não existiria sociedade e nem ser social.

Como percebemos o trabalho sempre esteve presente em todas as sociedades e o mesmo sempre fundou os modos de produção, o modo de produção primitiva tinha como base o trabalho de coleta, onde todos trabalhavam de forma livre e coletiva, no modo de produção escravista a base era o trabalho escravo, onde os escravos eram propriedade, trabalhavam para eles e toda a produção era dos seus donos, no modo de produção feudal a forma típica de trabalho era o trabalho servil onde os servos trabalhavam e a maior parte da produção era dos seus senhores apenas uma mínima parte era destinada aos mesmos, já o modo de produção capitalista tem como fundante o trabalho abstrato/assalariado que tem como base a abstração de mais-valia onde o excedente do trabalho é do patrão. Percebemos que nas sociedades anteriores ao capitalismo os servos ou escravos eram de certa maneira obrigados a dividir uma parte do produto necessário a sua sobrevivência com eles próprios e a outra parte era apropriada pela classe dominante. Na sociedade capitalista isso também acontece, mas de uma outra maneira.

Na fábrica capitalista, manifesta-se o mesmo fenômeno, embora velado pela aparência das relações mercantis, que simulam governar a “livre compra e a venda” da força de trabalho, entre o capitalista e o operário. (MANDEL, 1982 p.32)

A compra e venda da força de trabalho esconde portanto, a exploração através do trabalho assalariado. Quando um operário começa a trabalhar, em determinado tempo ele produz exatamente o necessário que recebe por mês, (seu salário) se esse trabalho fosse interrompido aí não existiria exploração, sendo assim não haveria interesse do capitalista em comprar a mão de obra, ou seja, compra-se a força de trabalho para se obter um valor muito maior do que o gasto na sua compra, e esse valor não é repassado ao trabalhador. Portanto o valor da força de trabalho é “determinado pelos seus custos de reprodução (o valor de todas as mercadorias cujo consumo é necessário para a reconstituição da força de trabalho)”. (MANDEL 1982 p.37)

Sendo assim o trabalhador, produz para se reproduzir socialmente, (paga seu salário) e ainda gera um valor muito maior que é apropriado pelo seu patrão, a “mais-valia.”

Mais-valia é o valor que o trabalhador gera a mais, e este mesmo valor não é repassado para ele. Por exemplo, um trabalhador que trabalha na produção de celulares, o mesmo produz mais de 300 celulares por mês, e cada celular desse custa aproximadamente 2 mil reais, ao mesmo tempo o salário mensal desse trabalhador é de 1 mil reais, ou seja apenas 1 celular dos 300 produzidos por ele é necessário para custear seu salário, o resto é excedente “Mais-valia”.

Portanto se a essência do trabalho assalariado é a abstração de mais-valia, não há nenhuma possibilidade de existir salário justo nessa sociedade, pois a desigualdade esta na base da mesma, no trabalho assalariado, pensar na superação da desigualdade, seria pensar uma outra forma típica de trabalho, um trabalho que seja livre, consciente, coletivo e universal e isso só seria possível com a instauração do trabalho associado sendo assim, se fundaria uma nova sociedade onde não haveria exploração do homem pelo homem nem desigualdades sociais.

Referências

TONET, I. LESSA, S. **Introdução á Filosofia de Marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

MANDEL, E. **Introdução ao Marxismo**. Porto alegre: editora Movimento, 1982.